8 PAGINAS NUMERO AVULSO 1 ESCUDO 8 PAGINAS

# O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. D. PEDRO V-18
TELF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS & ACTUALIDADES GRAFICAS — TEATROS, SPORTS & AVENTURAS — CONSULTORIOS & UTILIDADES.

## O Carnaval antigo

(Reconstituição rigorosamente inédita)

Era assim o Carnaval ha quarenta anos, em Lisboa. Á esquerda a famosa "Dança da Bica", onde os ovarinos da Ribeira executavam as suas "piramides". Das janelas para a rua vinha tudo, no ardor dum combate de armas solidas e liquidas...

O DOMINGO
ilustrado
ANO I N.º 6
LISBOA 22 DE FEVEREIRO DE 1925
PROPRIEDADE DA EMPREZA, O DOMINGO Ilustrado
REDAÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS — R. D. Pedro V, 18 — Tel. 631 N. — DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BÁRATA — EDITOR GERENTE EDUARDO GOMES — IMPRESSÃO — R. da Rosa, 99

## Má língua

DOMINGO GORDO...

*Vesti um dóminó de setineta*
*que era o melhor do Guarda-Roupa Cruz,*
*e fiz chispar de uma viseira preta*
*toda a expressão do meu olhar sem luz.*

*Andei por casas mal iluminadas*
*a intrigar donzellinhas possidónias,*
*e vetustas mamãs refasteladas*
*em canapés sombreados por begónias.*

*Mandei... a varios sitios, varias gentes*
*que não me tinham feito mal nenhum;*
*digeri papellinhos consistentes*
*que tive de engulir a um por um.*

*Apanhei com saquinhos de tremóços*
*lançados por "ciganas" com sequins;*
*comi bonbons recheados de caróços,*
*oriundos do Jeronymo Martins.*

*Conquistei o calor de uma menina,*
*— compete-me dizer que era bonita...;*
*e enrodilhou-me numa serpentina*
*a ver se o meu amor ia na fita...*

*Fui emphaticamente bisnagado*
*com liquidos cheirosos a remedio;*
*saracoteei, mulhado e resignado,*
*os guisos ferrugentos do meu tedio.*

. . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . . .

*De longinquos Entrudos que recordo*
*trago azedumes em que me avinagro...*
*Não sei se acho o Domingo menos gordo,*
*se o bicho humano cada vez mais magro!*

*Mas não querendo dar-me por vencido*
*faço e digo mil coisas que não penso,*
*para deixar o mundo convencido*
*de que me tenho divertido imenso...*

TAÇO

## écos

SABE-SE que para um recente baile, oferecido por uns ilustres titulares aos seus amigos, alguem da casa se dirigiu ao Instituto Pasteur pedindo a cedencia duma das lampadas de raios ultra-violetas, afim de dar um aspecto de de côr inedita a uma parte da sala.

O que porem essa pessoa ignorava escandalosamente é que as lampadas «ultra-violetas» queimam e cegam — e embora o baile fosse uma sumptuosa cegada — a verdade é que não estava no proposito dos donos da casa tratarem pela fototerapia os seus nobres convidados.

NUNCA FIANDO...

— Oh! pequeno queres ganhar dez tostões para me trazeres da caça os coelhos que eu matar?
— Sim... mas o senhor paga primeiro os dez tostões.

# questão prévia

## Carta de Paris

### As modas de verão

Como a propria designação indica, as modas de verão são as modas que todos nós haveremos de vêr, se tivermos vida e saude. Para este ano anunciam-se, mesmo, modas de verão... e pasmarão.

Nos grandes meios parisienses das modas e confecções premeditam-se altas novidades. Por inconfidencia duma gentil «midinnette» dos celebres costureiros Paguin e Manecqnes, sabemos que as senhoras voltarão a ter seio, ao menos uma vez por dia, deixando de revestir o aspecto vagamente ondulado de taboas de ensaboar, que hoje as caracterisa.

E' quasi certo que os vestidos de «soirée», por uma questão de logica, exigirão um seio abundante, porque não faz sentido que, havendo em quasi todas as «soirées» uma ceia volante, uma senhora diga aos donos da casa: «Eu ceio» e se apresente tão raza como se viesse em «toilette» da manhã». Para este efeito, os seios podem tambem ser volantes e em proporção com a prevista abundancia da ceia.

### Malinhas de mão

Este artigo de Paris está constantemente a variar de moda, com o fim verdadeiramente altruista de não deixar morrer á fome os milhares de pessoas que dele vivem.

As malinhas de mão com motivos mais ou menos egipcios, gravados a côres, devem ser postas de parte, porque se chegou á conclusão de que o pequenino espelho, que albergam, com as indispensaveis caixinhas e borla de pó de arroz e o respetivo «bâton» de «rouge», são insuficentes para as necessidades femininas.

A grande moda da proxima primavera vai

ser a mala de mão de formato e consistencia das que usam os nossos carteiros, tendo interiormente, numa disposição muito engenhosa, um toucador «psyché», um guarda vestidos de porta de espelho e de tres corpos e uma banheira de ferro esmaltado, com o respetivo esquentador a gaz. Para o caso desagradavel de se terem despedido as criadas, a nova mala de mão tem ainda acomodações para a instalação duma cosinha completa, o que permitirá á sua portadora cuidar das refeições, sem deixar de fazer compras ou visitas. Atendendo ás suas dimensões, as novas malinhas deverão chamar-se malissimas de mão.

### Produtos de beleza

Com razão, uma das principais preocupações femininas é hoje a côr dos labios. Uma senhora que se apresente sem a boca pintada não pode, sequer, entrar numa loja de modas sem se sujeitar a que os caixeiros, no seu intimo, a censurem pela sua falta de elegancia, demonstrando-lhe a pouca consideração em que a teem, com a impingidela de artigos e tecidos com dois anos de casa, garantindo-lh'os como se fossem o ultimo grito da moda.

E' tambem certo, que á vista das facturas do «rouge» todo o marido, que se preza, ruge. Nestas circunstancias aconselhamos as senhoras de labios descorados a tratar da saudinha, metendo-lhe para dento feijão «rouge» e Colares «rouge». Verão que, ao fim de pouco tempo, não só os labios como o nariz apresentam uma bela côr avermelhada, que não sai nem com agua, seja ela ardente, pé ou de colonia.

### Estetica do lar

Nem só a riqueza torna o lar aconchegado e atraente. Com quatro vintens e um certo bom gosto, vosselencias podem embelezar o ninho conjugal ou paternal, conforme forem casadas ou solteiras, vivendo na casa paterna.

Não ha lá por casa um velho balde de zinco, que por estar furado no fundo ou por ter as azas partidas já não pode prestar serviços no lavatorio ou na aviação?

Pois esse balde, misera sucata, pode transformar-se num lindo «cache-pot», bastando para o efeito revesti-lo de sêda «pompadour plissée», guarnecida a rendas de Malines ou a velho ponto de Inglaterra. Metam-lhe dentro um vaso de orquideas, comprem-lhe uma coluna de pau santo torneado e coloquem-no onde melhor lhes parecer, excepto na cosinha ou no quarto de banho, para não despertar no balde saudades dos tempos em que abrigava no seio as aguas de sabão. Como vêem, é economico simples, intuitivo e artistico.

Aquela cadeira que está no sotão por lhe faltar uma perna, manda-se ao ortopedista, que lhe põe, por uma centena de mil reis, uma perna de pau. Artisticamente coberta por um «manton» de Manila e duas ricas colchas da India e colocada no canto mais escuro da sala, pode perfeitamente passar por um piano Bechstein, de concerto.

Aquela comoda muito incomoda, que está pejando o quarto da tia mais velha, enverniza-da de novo, coberta com telha de Marselha e levando um rodapé de azulejos D. João V, dá um magnifico «chalet» á antiga portuguêsa e transportada para a linha de Cascaes pode servir de residencia de verão a toda a familia, que nela se instalará comodamente.

Com economia e bom gosto todo o lar pode ter aquela nota estetica, sem a qual a vida moderna se assimilaria á idade das cavernas.

Mais uma sugestão, para fechar: o cobertor de papa em que dorme o gato, apesar de gasto e esburacado, pode e deve ter no lar um

emprego mais artistico, porque dá bem para tres «abat-jours» e seis almofadas. Os buracos tapam-se com sêda «pongée» ou lhama de prata, o que é dum belo efeito á transparencia da luz electrica e as almofadas guarnecem-se com galões de veludo «mordoré», sobre um fundo de pano cru, cosido a pontos naturais.

Todavia, como muito bem dizem os mais conceituados marcos fontenarios da Protetora, o homem é o rei dos animais e não deve portanto ser tirano. Como não é justo que o gato da casa fique sem ter onde se deite, deve comprar-se para o gato uma cama de nogueira encerada, estilo Henrique II.

FELICIANO SANTOS

## comentarios

COMO gostamos das contradições o «Domingo» d'hoje é um domingo magro...

Console-se o leitor com a ideia de que nos domingos magros o «Domingo» tem vindo e virá sempre gordinho e anafado... Um dia não são dias...

A nossa 1.ª pagina é uma reconstituição de alto valor historico feita por alguem que nem por manter o anonimato deixa de revelar o seu grande conhecimento da historia dos nossos costumes.

## Vá ao dancing do Tivoli

RECORDAÇÃO

— V. Ex.ª não se esquece de mim...?
— Não rapaz... eu de lá escreverei...

# CARNAVAL

*Chamados a colaborar nesta pagina personagens eminentes, teem eles a palavra.*

*O publico que leia, com o deleite dos proprios auctores, estas "cocotes" literarias que lhe arremessamos, sem pedras que magoem nem areia que cegue...*

### DE JULIO DANTAS

MAS — meus amigos — o Carnaval é essa poeira doirada que ilumina como uma renda a primeira metade do segundo quartel do seculo XVIII.

As monas-bufas, as moçoilas de tairoca e bolardeu, e os «pastinhas» de cabeleira à franceza e mosca de sopé, que lh-o contem, que eu nestes três dias, como sou uma pessôa composta, vou sempre para casa de madame X, a loira, a gorda, a surda madame X, a quem eu falo ao ouvido . . .

### DE ANTONIO FERRO

O Carnaval é o puzzle dos sentidos, dos sentidos de jazz-band da Hora, da Hora que sôa no cartaz da geração moderna como um traço de carmim, do carmim das «imageries d'Epinal» da nossa infancia, que é o grande grito «ballet russe» da vida, da vida vestida por Poiret, por Poiret que veste e despe as almas das mulheres, das mulheres manequins de corpos, de corpos etc. etc. etc.

### DE ARTUR PORTELA

NAS curvas espiraladas em volutas magneticas de sonho animico, eu antevejo — clarão e chama, sangue e «groseile», a alma do pincel . . .

É a voz da raça que estrebucha em paroxismos de tragedia infinita, salpicando de sal e lama a walkiria da dôr.

Espuma. Ritmos selvagens na apoteose luminica e lantejolada—o Carnaval . . .

### DE RAUL PROENÇA

O Carnaval — o momento em que os pulhas se escondem para deixar sair os pulhas ainda mais pulhas. Sim, sou eu o unico a revoltar-me contra a maré-cheia da pulhice, da infamia dos politicos, dos jornalistas, de toda essa crise de impotentes pôdres e de falhados mediocres!

Tirando aqui o Sergio, o Camara Reys, e o Cortesão, quem é que os senhores vêm, sim quem é que vêm ahi, que valha alguma coisa?

### DE PEREIRA DA ROSA

ORA vejam! E' uma provocação! Vejam lá se eles são capazes de selar a bisnaga. E a bisnaga tem perfume. E' o selas! Não! A União dos Interesses Economicos não pode cruzar os braços ao insulto, á ameaça á bisnaga! Para a frente é que é o caminho! Nós somos a maior creação de Seculo!

### DE EDUARDO GOMES

*(Administrador de o Domingo)*

O Carnaval, meus senhores é um numero queimado. Não dou 2.ª edição nem dou 12 paginas. Em Lisbôa anda toda a gente de nariz no ar a não ver nada, e eu não faço jornais para embrulho. Tenham paciencia . . .

### DE ALMADA NEGREIROS

UM dia o homem andava a suar completamente e foi bater á porta da minha mãe que estava a dizer que não. O homem poz-se a fazer de sincero com toda a força ali mesmo e ninguem que passava trazia chapeu exatamente.

Bôa noite.

### DE LINO FERREIRA

OH Diabo! O carnaval já não dá nada nos teatros. Oh diabo! depois o Clemente é insuportavel, a Ilda não quere fazer o papel, o Brun quer a «Vizinha do lado» outra vez na scena para o carnaval, o Victoriano quer a Hora do Amôr e eu sou amigo do Lorjó . . . Oh diabo! Oh diabo! Mas venham dahi ao foot-ball que hoje são os Belenenses ... Ah! Falam da loja... Oh diabo . . . São os rapazes do teatro modernista, o Ferro, o «Diario de Noticias»—oh diabo! Ah! É do Politeama? Vão ensaiar? Oh diabo! Vocês desculpam, é um momento. Eu estou no Nacional das 5 para as 10, mais coisa, menos coisa. Oh diabo!

### DE MARIO DUARTE

O Carnaval? Homessa? E' uma edição da «De Teatro» de acordo com o meu rico amigo Pereira de Carvalho.

A «De Teatro Carnavalesca» vem preencher uma lacuna no nosso meio, e conto com a ajuda do Santos Tavares (Santos de casa fazem milagres!) abichar mais um habito bom —Aviz ou Cristo. Hei-de chegar à gran-cruz.

É uma questão de tempo e de eu fazer a «De Teatro Politica.»

Veremos . . .



## EM CASA DAS PACHECOS

# A ceia á consignação

E' ali! E' ali! disse a Chica, logo da rua, ao saltarem do electrico Gomes Freire, e apontando as janelas iluminadas das Pachecos, estonteantes nas suas peras electricas do lustre de pingentes da casa de jantar.

E o grupo das Macedos, com o Alvarinho da Escola de Guerra, o primo doutor, a mamã Mesquita para dar seriedade e base, as duas Monteiros ainda solteiras e os pequenos da Deolinda Mesquita divorciada, saiu ruidosamente para o passeio e organisou-se por ordem de categorias. «Ele é barro —balbuciou o dr. para o Alvarinho: 10.500 de bilhetes, começo bem a noite...»

—Bem, á frente vae a Mamã, disse a Mesquita, para bater á porta. Tenho medo que as Pachecos achem gente de mais.

—Os homens ponham as mascarilhas, alvitrou a Chica.

—Cale-se disse a mamã Mesquita, que era de poucas falas, e puchou as tres argoladas á porta das Pachecos. Em cima, havia já uma grande gralhada, e no escuro do umbral, no grupo unido, com a Chica de odalisca com gabardine, a Mesquita filha á moda do minho e oculos de aro de ouro, os corações tremeram. Receberiam mascaras as Pachecos? Tinha sido um abuso trazerem os rapazes sem aviso previo.

São mascaras! são mascaras! disseram vozes juvenis ao puchar da corda da porta, e logo uma voz de barbas, de pae, deu uma ordem: «Para dentro, quem as recebe sou eu!» Na escada as Mesquitas tremeram e a mãe subiu a escada, com grandes upas no peito.

Ah! E' vóscencia ... e as meninas.

Eu tenho a casa cheia, mas emfim atendendo a que são amigas da Gigi, fazem favor. A Mesquita filha adeantou-se:

Trazemos uns rapazes que dançam...

—Que dançam e comem—completou o Pacheco das barbas que era bruto como as casas.

Mas nisto, nma nuvem de tarlatanas invadiu o patamar e no meio das pragas surdas do Pae os convidados entraram no corredor e depuzeram no cabide que estava como se tivesse por dentro o Chaby, os abafos e os chapeus.

A mãe Mesquita e as meninas foram ao «toilette das «senhoras» que parecia uma camara ardente, com cheiro a bafio e a chouriço, porque estava armado na dispensa.

«As salas» das Pachecos, «os elegantes salões da sua artistica residencia a Gomes Freire» como dizia o Vasconcelos e Sá desde que os olhos maganos da Zéca tinham conseguido aquela local do «Diario de Lisbôa» que anunciava a «sauterie», compunham-se de trez divisões, a saber: a) a saleta, b) a casa de jantar, c) o quarto dos progenitores Pachecos.

Em dias de festa tiravam-se as portas, desmanchava-se o quarto e saía a mesa da casa de jantar; o Pacheco repregava o oleado por causa dessas cavalgaduras (os convidados) o não levarem com as ferraduras, e nessa noite, ou não se dormia, ou descançavam pela madrugada no quarto da Celestina, que cheirava a recordações da guarda republicana, no que ela tem de comum com a Municipal.

Mas, vamos ao caso. Com a entrada das Mesquitas o ambiente que já podia pôr a taboleta de completo, sobresaturou.

Quando o piano, num ataque de coqueluche, lançou os acordes duma quadrilha para despertar as pessoas de edade, ouve um estremecer tragico nos aparadores da casa de jantar. — «Irra, acabem com a cegada que me dão cabo da mobilia» — disse surdamente o Pacheco ao Alvarinho que estava muito entusiasmado — e o caso é que se passou a jazz-bandar, com tremeliques na louça e o desprezo das senhoras alem dos quarenta que evocaram o primeiro tempo da valsa a tres tempos.

Foi então que o Pacheco chefe, dando um lugubre relancear de olhos sobre a sua tribu selvagem chamou de parte a Pacheco mãe e disse-lhe: É a altura, quanto mais tarde mais comem.

Por muito álem que tenha ido a fantasia humana, os senhores não supõem de que seja capaz um pai Pacheco, quando tem duas filhas Pachecas para casar e necessita de as expôr numa «sauterie» de Carnaval, não tendo álem disso dotação orçamental para servir aos convidados essas ceias volantes (do francês *qui volent*, que voam) e que tão apreciadas são da geração modernista.

É esse estranho engenho do Pacheco, ignorado como todos os genios, que ha que pôr em justo realce. Já quinze dias atraz, quando a mãe Pacheco poz o caso nos seus devidos termos, justificando e bem que para as pequenas o Carnaval era como para ele, Pacheco pai, a loteria do Natal. Os grandes topicos são o Carnaval e as praias, dizia ela, deixa-los passar sem as pequenas se habilitarem com a sua cautelinha de três, era uma crueldade. Pacheco acedeu. Mas a massa para a ceia? Qualquer bolo, seja de que material fôr, betume, cimento armado, custa uma fortuna. Pacheco meditou, meditou, mais do que era costume, e foi-se deitar. Para a cama levou um velho Almanach de Lembranças. De noite, a insonia financeira perseguia-o. Pacheco acendeu a vela e folheou o livro:

— COLA FORTE — leu, e depois mais quatro linhas com uma misteriosa e invulgar receita de cola vegetal, poderosissima, inofensiva e inodora como os nacionalistas.

Um clarão lhe iluminou o cerebro, e um plano completo lhe surgiu na mente...

* * *

Extranhou a mãe Pacheco aquela prodigalidade excessiva do marido quando os "grooms" da Garrett começaram aparecendo com as latas dos dôces e das sandwiches — sabido que a vida financeira do lar tinha de ser ginastica, acrobatica, comica, tragica e fantastica como a companhia do Coliseu. Mas o Pacheco estava impenetravel. Apenas á noite, já arranjada a mesa, ele interveio modestamente, com seis pratinhos de rebuçados, tom escuro dr. Alberto Xavier e recomendou: Isto são uns desenjoativos que se servem antes de mais nada, logo à porta, mal eles avancem.

Com efeito, no momento proprio, mal se abriu a porta do corredor que dava ingresso ao quarto da Celestina onde, com os reposteiros da saleta estava armada a meza, as duas creadas e a mulher a dias ofereceram logo os rebuçados, como senhas, à entrada.

Toda a gente, embora com aqueles olhares que se fazem sempre á entrada das salas da ceia, olhar-balancete, olhar-avaliação, tomou um, e lançou-o destraidamente na boca.

A estrategia de Pacheco tinha a simplicidade das descobertas gregas.

Os rebuçados, mal se lhes enterrassem os dentes, juntavam ermeticamente a queixada que ficava assim impossibilitada do seu movimento de vae vem. Quando o convidado estava nesse esforço maxilar violento, ofereciam-se-lhes doces, sandwiches, e outras iguarias, podendo ele apenas, em virtude do tapume bocal, servir-se da primeira, que conservava na mão. Como a ceia era volante, passava e não parava, e como vinha á consignação voltava á Garrett, no primitivo estado e sem desvalorisação aparente.

Uma simples chavena de chá para terminar, desenjoava perfeitamente a boca, dissolvia agradavelmente o rebuçado, a grande crise estava passada, e o Pacheco fornecera uma ceia decorativa de que os convidados não podiam sequer dizer mal.

UMA NOVELA IRONICA COMPLETA

JOSÉ de Sousa Silva e Santos nasceu em 86 numa aldeia da Beira, entre porcos e perús, duma creada de lavoura e do Sr. D. Manuelsinho.

O pae era um mariolão dos quatro costados que morreu numa caçada ás lebres, com uma chumbada no peito. A mãe, uma moçoila ampla de quadris, boçal e primitiva. A creança, fortalecida na brôa e nas imundices de aldeia que são, como o estrume nas terras, o melhor adubo dos corpos, era um rapagão.

Em Coimbra, a expensas dum padre rico que lhe vira expertezas no latim, fizera furor nas tabernas. Como escolar, uma besta — como rapaz uma besta tambem, mas uma besta bonita para as olheirentas burguesas da baixa de Coimbra. Distinguira-se sempre, por não ser nada.

Estupido como um queijo, palavroso, oco, viscoso, dum caracter maleavel como, uma pela de barro, ele que em moço politicamente, fôra apenas um rapaz bebedo, em 912, eleito por não haver mais ninguem, viera como deputado do circulo, ás camaras. Fizera-se democratico, por lhe constar que por ali a teta era mais segura e farta, e sobretudo, porque o que o corpo lhe pedia, a toda a força, era o bródio dos clubs de Lisbôa, com francesas de olheiras azues e bancas de roleta, onde a sua mocidade folgada num cartorio de provincia, tivesse amplo campo de manobras.

E esse ano foi todo um deboche! Com a ajuda do bufete do parlamento, aos copinhos de Porto, conseguira um certo «aplomb» para a discussão, e depois na sala das sessões chegara mesmo a falar com fogo, oprégando a Republica reposta na sua pureza, e exigindo uma tarde entre arrotos aploplecticos ás sandwiches de vitela, «a confiscação dos bens monarquicos e a expulsão dos Inglesinhos» que são, com as suas sotainas negras um escarro reacionario sobre a obra da Republica ...» — acrescentara, digno. Depois do Parlamento, as suas novas victorias nas alcovas da Lisbôa galante, eram mais certeiras. Certa «divette» de revistas ostentava-o na cigarreira escandalosamente, num retrato intimo. Ganhou fama de conquistador e finalmente um dia fechado um negocio de carvão em que o seu silencio parlamentar foi efectivamente de ouro, o homem, namorado dum dos dotes mais fortes e mais artriticos da Lisboa moageira, casou.

A mulher era uma doente. Debil, triste, histerica e impertinente, trouxera com uns mil e tantos contos desvalorisados, algumas hereditariedades suspeitas.

Mas, José de Sousa Silva e Santos, — o dr. Silva e Santos — fazia no lar uma vida correcta e cá fóra, o corpinho regalado, ia gosando, com o pretexto dos afazeres politicos, os favores que a carne rica pode comprar.

Embora toda a sua notoriedade não passasse do relato parlamentar dos jornais, do directorio do partido e do homem da tenda, a imprensa, uma bela manhã saiu-se com aquilo a que chamaram «A hypotese Silva e Santos» — em grossa parangona, com as honras do «Noticias» e do «Seculo». Ia a ministro o dr.! Ia mesmo a mais: a presidente de ministerio! A todo o paiz, do Suajo a Vila Real de Santo Antonio, ecoou aquele nome do Dr. Silva Santos, novo presidente do governo. Debalde se lhe procurava, no seu passado, uma conferencia, um discurso, um livro, um artigo de jornal, uma simples frase. Nada!

O Dr, Silva e Santos era, na imprensa e na vida, apenas realmente uma «hypotese» — E quando, á porta do rez do chão da Rua Herois de Kionga parou o automovel do Estado, havia policia, fotografo e jornalista.

Sua Ex.ª que estava «impenetravel» na reverente frase do «Diario de Lisboa,» sorriu e disse apenas, com o sorriso

doce de quem toma o semi-cupio da gloria:

—Oh! esta praga dos fotografos ...

* * *

O secretario do dr. Silva e Santos era o Pimentelsinho, o Jaime Pimentel, um rapaz muito prestavel, e a quem esse defeito de carregar nos rr não tirara, desde pequeno, no dizer do dr., «uma indefectivel dedicação á Patria e à Republica.»

Por seu lado Pimentel, tinha pelo dr. a admiração que se pode ter por um masso de notas.

Do dr. lhe tinha vindo tudo. Dera-lhe a mão; o que era, a ele o devia — o dr. era a sua razão material de viver, a sua fonte de receita, a sua origem financeira, o seu principio fundamental.

Qual não foi pois o seu espanto, e estupefação quando, ás 8 horas de certa manhã, acordando esbaforido no seu quarto do hotel Francfort, Pimentel, reconheceu, hirsuto e apopletico, empunhando uma carta, o dr. Silva e Santos.

—«Pimentel, Pimentel, isto não se faz! Não se faz sobretudo a mim! A mim que sou uma figura nacional!

Instintivamente Pimentel esfregou os olhos e sentou-se na cama — mas a voz, a voz estrangulada na garganta, negava-lhe o mais leve som.

E' que tudo aquilo era imprevisto e estranho, e ele, presentia que alguma coisa de extremamente grave se passara.

—Leia! exclamou imperativo o dr.—e estendeu-lhe um papel. Era uma carta, e dizia assim:

Minha Senhora

Seu marido tem uma amante.

Podia tê-la, que isso não ficava mal a ninguem. O peor porêm é que é uma creatura da mais baixa esfera. Evite o ridiculo da sua situação, porque lhe prestará tambem um serviço a ele.

Um amigo de ambos

Aconchegando-se no pijama, Pimentel, balbuciou sucumbido: Que quer isto dizer?

— Levante-se homem — pois não vê que estou perdido! Essa carta refere-se àquele meu capricho com a «Maria Melenas» ... Minha mulher recebeu a carta 5.ª feira passada, e não me disse nada. Mandou-me seguir. Eu, presidente do conselho, seguido, expiado por uma agencia de informações! E, esta manhã, Pimentel, quando eu saía tranquilamente do «Hotel Galo», minha mulher, de dentro dum automovel, berrou-me alucinada: Ah! é então aí que reune agora o Directorio?! E caiu desmaiada.

É o escandalo! Você, compreende — é mesmo mais: o desprestigio da minha posição, o desprestigio da propria Republica. E, eu em ultima instancia apelo, Pimentel, para o seu republicanismo, para a sua «indefectivel fé nos altos destinos da Patria e da Republica», para o seu valor, para o seu merito, para a sua lealdade ... E, reparando que com este disco parlamentar o fogo da sua palavra tinha hipnotisado, Pimentel em cuecas, pediu: Não se arranjará por aí um calice de Porto ...

Mas Pimentel, não sabia em que podia ser util. Ele estava sempre ao dispôr, para o que o doutor quizesse, mas neste caso, realmente, os seus sentimentos de republicano de sempre, não lhe diziam nada. No entanto, os seus fracos prestimos de soldado ... — e não poude acabar:

— Mas você não vê, Pimentel, o que me traz aqui?

Depois da horrivel scena, depois desta minha cabeçada ...

— Ou não fôsse no «Hotel Galo»...

— Não graceje, homem! O caso é serio. Fui buscar minha mulher a casa. No caminho a cada mudança de velocidade do carro minha mulher perdia mais sentidos. Só quando entramos no quarto, e ela me disse apenas: «O divorcio!» compreendi que só você me podia salvar. Fingi-me ofendido e fugi para aqui.

— Mas não compreendo ...

— É simples — Pimentel, simples, mas grande de visão:

— Quem dormiu esta noite com a Maria Melenas no Hotel Galo, foi você. Eu passei a noite no ministerio. De manhã fui buscá-lo, por causa duns documentos importantes que você tinha em seu poder.

— Anh?

— É o que lhe digo. Estou eu em perigo, hoje eu sou a Republica, a Republica é a Patria — e a Patria manda!

— Mas eu não vou nisso!

— Pimentel, lembre-se que existe uma lei organica no partido e que você, soldado disciplinado, investe contra o inimigo. Se a Melenas é o inimigo, investe contra a Melenas.

— A sua negativa é a sua irradiação do partido!

— O seu sacrificio, uma heroicidade que eu saberei premiar. Sobre estes ombros fortes — e indicava as claviculas de Pimentel sob a camisola de flanela, cairá bem o colar duma ordem ...

—Você vai já a minha casa. Sirva-se de todos os argumentos para a convencer. Eu só volto ás duas horas para almoçar. Até lá tem muito tempo. Invente, improvise, domine. Faça-se conquistador, refira episodios, conte anedotas. E' uma missão de confiança do governo. Eu não me esquecerei de si, Pimentel — o presidente do ministerio não o esquecerá! Até ás duas horas! — e saíu.

* * *

Artigo 1.º — Usando da faculdade que me confere o artigo 3.º paragrafo unico da lei n.º 1723, do Diario do Governo de 17 de Agosto de 1911 hei por bem, sob proposta do meretissimo Conselho da nobre Ordem de S. Tiago conferir ao cidadão Jaime Cebolinhas Pimentel o grau de cavaleiro da mesma ordem, considerando os seus altos serviços prestados á Patria e á Republica, em que, com risco da propria vida, soube erguer bem alto o bom nome português.

Dado nos Paços da Republica, aos 17 de Dezembro de 1921. O presidente de ministerio e ministro do interior, José de Sousa Silva e Santos.

* *

E voltou a paz áquele lar, sendo certo que alta noite emquanto o automovel presidencial estaciona à porta do hotel Galo, um outro carro do Estado, com um cavaleiro de S. Tiago, vôa subrepticiamente ao pequenino rez do chão da R. Herois de Kionga...

X

## cá por dentro

— Está definitivamente assente que a Companhia

### Otelo de Carvalho

parte para o Brazil no proximo dia 23 de Março. (Mas ninguem sabe se volta).

— Mario Duarte auctor dramatico, traductor dramatico, director dramatico, dentista dramatico e cavaleiro dramatico vae organisar um banquete de homenagem á revista de «Teatro».

— Foi acometida de «esterlite aguda», a actriz Eliza Santos.

— Augusto Pina vae dirigir outra companhia. Parabens aos arrojados emprezarios.

— Rebentou mais uma vez a companhia Palmira Bastos.

— A actriz Esther Leão pensa em fazer uma «tourneé» pela Africa mas antes disso tenciona casar outra vez.

— Prepara-se para cometer mais um assassinato literario o ilustre traductor dramatico Alberto Moraes.

—Idem idem Carlos Ferreira
— » » Esculapio



## Concurso Teatral

### DA ACTRIZ MAIS LINDA

CONDIÇÕES:

1.º—Serão aceites e publicadas todas as respostas em verso que responderem a este concurso.

2.º—Ao auctor da melhor resposta das publicadas nos primeiros quatro numeros e á actriz mais votada serão oferecidos valiosos prémios.

Votos recebidos:

Sem alusões, que as não faço,
a muita actriz que o diz ser;
a mais linda é a Rey Colaço
porque é bela e... sabe ler!

EU

Se o premio dado ao poeta
Fosse uma actriz a beijar
Votava sempre na Aura
Sem nunca mais acabar

GULOSO



## Pensamentos atribuidos aos nossos artistas dramaticos

As minhas colegas poderão ter mais talento, poderão ter mais publico, poderão ter mais aplausos, mas com tudo isso, não ganham o que eu ganho.

*Laura Costa*

Isto de Teatros quantos mais melhor. O Lino dá o dinheiro, o teatro dá-me os cativos, a exploração não dá nada, mas eu sempre ganho e sou gerente.

*Macedo e Brito*

Peças, mais peças! Por muito que peças não se me esgotam as peças!

*Afonso Gaio*

*Trálmente!*

*Albertina de Oliveira*

O vale! Eis o unico fim da arte de ser actor?

*Rafael Marques*

Não! decididamente se a epoca continua má, fecho a porta e vou para Caneças!

*Estevam Amarante*

Eu comi a carne! E agora teem que me roer o osso!

*Chaby Pinheiro*

Cada um come do que gosta!

*Salles Ribeiro*

Não ha duvida que sou um belo actor comico emquanto não aparecer uma lei que auctorise o publico a fazer uso das armas de fogo!

*Carlos Leal*

Que me importa que se diga que os outros é que traduzem as peças? O que eu não sei é portuguez porque lá italiano, peço meças!

*Mario Duarte*

Estou com umas ganas de ser emprezaria que ninguem calcula!

*Ilda Stichini*

Pois eu hei-de selo nem que seja duma companhia de pretos com o Portela a dizer coisas!!

*Esther Leão*

Cativos! Cativos! Cativos!

*Carlos Borges*

A arte de ensaiar, resume-se: Estender os braços, levantar os braços, cruzar os braços, encolher os braços e dobrar os braços. Isto com mais uns ditongos e uns Ah's! foi tudo quanto eu aprendi no Conservatorio.

*Otelo de Carvalho*

O mê Águsto! Oh! o mê Águsto!

*Maria Alves*

DE O

## Domingo Ilustrado

### DE AQUI A 40 ANOS

— O arrojado emprezario Macedo e Brito que é dono e gerente de todos os teatros de Portugal, pensa em escrever um grande drama intitulado «A agua da Companhia».

—A actriz Cordeiro vai fazer a ingenua da nova peça de Mario Duarte «Pois sim mas eu é que os vou comendo» traduzida por Dario Nicodemi.

—O actual presidente de Ministerio sr. Luiz Galhardo, vai acabar as obras do Parque Mayer que agora é que vai ficar bonito.

—Acabou o seu milessimo drama o sr. Afonso Gaio.

—Foi acometido de um ataque de ensaiador o empregado dos correios sr. Otelo de Carvalho.

—Desligou-se da companhia de que era emprezario o actor Nascimento Fernandes.

—A actriz Laura Costa foi contratada para o Teatro Maria Victoria por trezentos contos por dia, quatro trens de duas parelhas, uma salva de 21 tiros cada vez que entrar em sena, ou quando for aos ensaios e todos os numeros trizados.

—Realizou-se uma festa promovida pela Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro. Compareceram todos os artistas que tinham sido convidados a tomar parte.

—Dissolveu-se a companhia Palmira Bastos.

—Consta que vae escrever uma peça o ilustre critico teatral sr. Alvaro Lima.

—Abre amanhã o teatro Joaquim d'Almeida.



Estou já farto do theatro
De ver tanta chuchadeira
Mas nunca me fartarei
Da Ausenda d'Oliveira

BLASE

E' a Auzenda a mais formosa
Viva, alegre, buliçosa,
Parece rapariguinha...
Ao vê-la quem acredita
Que a divette tão bonita
Podia ser avosinha?

MENINO DO CORO

D'este soberbo concurso
Sem responder eu não passo
Fazia figura d'urso
Não votar na Rey Colaço

IGNOTUS

Que lhe chamem «biscuit»,
Não é coisa que me prenda,
Para que eu diga que a Auzenda
É a mais linda que ha por'hi

Não ha quem lhe chegue ás faldas
Em graça. Mas «biscuit»,
Depois que tão gorda a vi
...Só se fôr «loiça das Caldas!...

JOÃO DO NORTE

Ao concurso do «Ilustrado»
Vou votar pela Adelina,
Aquela que canta o Fado
E de todas a mais linda!

HORACIO CARDOSO

A actriz de Portugal, mais linda e sedutora,
Que fáz apaixonada a mocidade inteira,
Aquela que é a nossa musa inspiradora
E' sem duvida alguma: a Auzenda d'Oliveira

Peniche, 5/2/925

JOAQUIM DEZIDERIO

Como actriz portugueza
Não ha outra como ela;
A rainha da beleza
Para mim é Satanela.

PIGASSOU

O meu voto vou já dar
Sem mais reclames grandes
Só voto para ganhar
Na «Adelina Fernandes».

AMERICO PEREIRA BARBOSA

Quem eu vejo sem cansaço
Na arte que idolátro,
E' a linda Rey Colaço
Alma do nosso teatro.

AROS



### MARIA VICTORIA

A revista de actualidade, tão querida do publico, «Rés-Vés», com Laura Costa, a encantadora «divette», em cinco numeros novos e sempre repetidos.

### EDEN

«Fructo proibido», a grande revista popular, com trez numeros novos de grande sucesso.

### S. CARLOS

Em breve, reaparição da companhia Lucilia Simões. Repertorio de drama e alta comedia, com Lucilia, Erico e toda a companhia.

### NACIONAL

DICKY peça de movimento, graça e sentimento, com Stichini, Maria Pia e Ribeiro Lopes.

Conjunto equilibrado e brilhante.

### S. LUIZ

Grande sucesso de arte com a celebre tonadillera e bailarina «La Argentinita» que ocupa duas partes do espectaculo. No «ecran», o «film» «Rosa, la Cortijero».

### APOLO

A revista qopular «Mola Real» com a alegre Elisa Santos, fatasia e bom humor.

### AVENIDA

A encantadora opereta «Susi», pela companhia Satanela-Amarante. Explendido desempenho da admiravel actriz Luisa Satanela, musica lindissima.

### POLITEAMA

O grande sucesso da temporada: «A mulher nua», a notavel peça de Bataille, com Alexandre de Azevedo, Amelia e toda a companhia. Baile.

### TRINDADE

Grandes e deslumbrantes operetas, pela companhia Léa Candini. Desempenho magistral desta admiravel actriz, e de toda a companhia.

### COLISEU

A grande companhia de circo. Atrativo das creanças grandes e pequenas, noite e tardes de interesse e comoção. Espectaculo moderno e movimentado.

# Sports

# match de box

## O COMBATE DO COLISEU

### A SERIO

Por F. GUEDES

N'uma reunião de box, a primeira coisa para que se olha é para o ring. Bom seria que os organisadores olhassem tambem por ele.

O pano com que cobriram discretamente o mau taboado, encolheu.

As cordas sempre duas e mal esticadas. E' preciso cuidar o pavimento, de modo que uma queda infeliz não dê um grande desgosto — como mandam os regulamentos — e arranjar tres cordas, forradas e tesas, para que os homens não andem sempre enleados, em risco de galgarem para fóra do estrado.

Dizia o reclamo: Faustino contra Albano para o titulo de campeão de Lisboa. Não sabia que estavam regulamentados tais titulos.

Se não estão, é necessario moderar os reclamos.

Aquele embate não tem historia... nem geografia.

Bateram-se os homens como sabem, mostrando Faustino que cristalisou, e Albano que não tem melhorado. Faustino ganhou nitidamente e melhor poderia fazer, se não estivesse convencido que tem que sugestionar o publico, em sorrisos e atitudes. Perde um tempo precioso com estas manifestações moraes, que, juntas, não valem um bom murro.

Anibal Fernandes fez um honestissimo combate e bateu o francez que lhe coube, Y. Mars, de longe, sem um instante de dificuldade.

Mars, que é um modesto 2.ª serie, como homem experiente, passado o primeiro round, convenceu-se de prompto que tinha uma derrota garantida, e assim nada fez mais, que evita-la estrondosa.

Nos ultimos rounds para se manter, exagerou a defensiva, cometendo faltas graves. Agarrou-se com ancia ás luvas de Fernandes.

O arbitro, um francez, não sei quem o inventou, mas penalisa-me não puder dar os parabens ao inventor.

Anibal que põe nos seus combates toda a atenção, confirmou o juizo que fiz a primeira vez que o vi. E' incontestavelmente o nosso profissional que mais agrada vêr trabalhar. Muito correcto, muito sobrio e muito serio.

O adversario de Crespo, o francez Couleaud, incontestavelmente duma classe superior a Mars, deu-me a impressão de meio-leve, embora o anunciassem leve. A desporporção de peso era evidente.

Emquanto que Mars foi apenas muito cortez, Couleaud defendeu-se corajosamente. Ganhou bem o seu dinheiro.

Crespo dispoz dele, em farça, e passado o quinto round massacrou-o. Se tem conservado mais calma, e nos ultimos rounds, tem trocado soco por soco, sem preocupação de se cobrir, quando já não havia perigo, possvelmente teria adormecido o seu animoso adversario.

E' justo registar-se o progresso do campeão português. Está em condições de lhe oporem homens do seu peso.

### A RIR

Por H. ROLDÃO

Decedidamente a nobre arte, não nasceu para os portuguezes. Isto de dois individuos se socarem da cintura para cima com a condição de ficarem amigos no fim da questão, não quadra com o nosso feitio «rebentativo». Por isso, como os anteriores, a ultima «soirée» de box foi como segue:

*1.º combate*—Desordem em 10 *rounds* entre Faustino Pereira e Albano Martins, calçados com luvas de seis onças.

Apoz uma zaragata de trinta minutos, aquilo acabou pela victoria de Faustino que venceu porque Albano perdeu. Nenhum puxou por navalhas e o arbitro viu-se muito atrapalhado para tomar conta da ocorrencia.

Faustino executou varios passes de fox-trot e tango, e Albano declarou que tem uma bôa esquerda mas que a não levou por se ter esquecido dela em casa.

*2.º combate*—Delicadeza em 10 *rounds* entre Anibal Fernandes e Jonny-Mars.

Os dois camaradas usando da maxima delicadeza, como é prorio de pessoas que se esmurram, davam um soco e pediam logo desculpa. O francez sobretudo era um rapaz delicadissimo. Tinha um tão grande respeito pelo adversario que andava sempre curvado na sua frente. Terminou pela victoria de Anibal.

Não sei se este Anibal ainda é parente do outro que meteu um grande susto a Roma. Se não é, é pena, porque o rapaz tem muito geito o que não quere dizer que qualquer dia não se julgue um Carpentier de trazer por casa.

*3.º combate* — Combate á moda do Porto entre Tavares Crespo e o francez Couleaud.

O francez foi arrancado ao colo da ama para subir ao «ring». E' miudo, mas é tezo. Crespo bateu-se como um homem mas, como vale muito, não fez mais nada. Andou meia hora á procura dum sôco duro, mas não o encontrou. Naturalmente estava escondido debaixo da rezina do tapete. Por fim Crespo venceu, deixando a cara do francês a escorrer sangue.

Se aquilo fôsse noutro país, Crespo, o menos que apanhava era prisão correcional. Como é em Portugal, é professor de box..



# a blague sportiva

O boxeur Sam. Langford era dotado dum certo espirito.

Um dia, numa cidade de provincia, Samuel realisava um match contra um certo Cotton, cujo unico atributo seria possuir a mesma côr, que o campeão.

Depois de ter brincado dois rounds, de forma que o publico tivesse a compensação do dinheiro desembolsado, Sam, ao sinal do gong avançou para o seu adversario de mão estendida (prova de cortesia no ultimo round). Então Cotton, pessimamente surpreendido disse a medo: «Sam, o combate tem duas reprises e este round ainda não é o ultimo». Langford retorquiu-lhe com sarcasmo: «Estais enganado, irmão. Para vós, é bem o ultimo».

E falou verdade. Alguns segundos depois, Cotton tomava contacto com o estrado e ali repousava mais tempo, do que permitia o codigo.

* * *

Na redação dum jornal lisbonense, alguem telegrafando para o Porto o resultado do foot-ball da tarde, findava assim o seu relato.

— «Tiveram tambem o chefe do Estado e o Presidente do Ministerio».

Como o aparelho estivesse muito sensivel, o informador teve de repetir a ultima frase:

—«Tiveram tambem o chefe do Estado e o Presidente do Ministerio».

Então um redactor presente julgou oportuno intervir e fê-lo com arrogancia:

—Tiveram, não, disse estiveram.

Você não sabe que provem do verbo «estivar»...!

* * *

Ultimamente num banquete celebre, alguem teve esta frase lapidar:

— «Meus senhores, no campo, uns vencem outros ganham!».

* * *

No almoço oferecido a José Pontes e que revestiu desusado brilhantismo, um fulgurante orador com voz pausada e uniforme, afirmou:

—«Pontes é tão extraordinario, que teve o condão de transformar a Porcalhota numa estancia balnear!!»

# O Charadista

ENIGMA

Ou maior ou mais pequeno
Ou mais tosco ou mais perfeito
Tem um tipo simplesmente
E de louça é que ele é feito.

As letras de que se compõe
Não as vou dizer aqui,
Contudo, lá vae, afirmo,
Ter um E e mais um I.

No inicio tem um P,
O seu uso é maravilha,
Não é copo nem garrafa,
Mas é usual vasilha.

Nesta quadra onde o Deus Mômo
Empulha sem respeitar,
Do conteudo do conceito
Desejo-vos ofertar.

Nada mais, direi apenas
A quem dê a solução,
Que toda a gente precisa
Da simples decifração.

MÔMO

CHARADA EM VERSO

Todos teem e ninguem tem—2
O que ninguem tem e todos teem—1
Se eu tenho e o leitor tambem tem,
Eu tenho e todos teem tambem.

SOLIPEDE

CHARADAS EM FRASE

Um cigarro atirado á cara do parceiro e um copo ripostante—1—2—3.

POIS SIM

*

Em casa; na sala, no quarto e na cosinha—1—2.

?

LOGOGRIFO

O' ai ó linda—1—8—L—4—8.
meu amôr é da musica
E foi assim
que eu comecei—1—7—1—5—4.
a ser feliz—4—6—3—2.
Usa-se, vende-se, come-se.

# ANUNCIOS UTEIS

A publicidade tem de ser feita com inteligencia, senão é inutil a quem anuncia.

O «Domingo ilustrado» é um semanario que ha 4 mezes está instalando por todo o paiz as suas agencias e tem portanto uma enorme expansão desde o seu inicio. O *anuncio especialisado* é o mais util de todos. Assim, na *Pagina feminina* o anuncio que interessa ás senhoras; na pagina de desporto o anuncio que interessa aos «sportsmen» etc. etc.,
Fuja de anunciar no *cemiterio dos anuncios* que são as grandes paginas de anuncio dos periodicos diarios os quais têm a vida efemera dumas horas.
O «Domingo ilustrado» vae a toda a parte, guarda-se, está nos «clubs», nos barbeiros, nos consultorios, nos hoteis, encaderna-se, fica. Nas secções de *anuncios* especialisados cada linha custa a ridicularia de 10 centavos.

Vá ao dancing do Tivoli

**Guarda Roupa CRUZ**
EXPLENDIDO STOCK TODO RENOVADO DE FATOS DE CARNAVAL
RUA DO MUNDO — LISBAO

**Sifiliticos:**
TOMEM EM GOTAS
**ARSHYDROL**
DE
LEMOS & FILHOS, L.DA

COMPANHIA DE SEGUROS
**"A EUROPA"**
RUA AUGUSTA, 188 — LISBOA
*SEGUROS EM TODOS OS RAMOS*
Impecavel rigor e rapidez nas suas liquidações.

UM EXITO DE LIVRARIA
LEITÃO DE BARROS
**ELEMENTOS DE HISTORIA DA ARTE**
*(LIVRO UTILISSIMO A TODOS)*
4.º MILHAR Á VENDA
Pedidos á PALETA D'OURO
*RUA DO OURO, 72 — LISBOA*

**PAPELARIA CAMÕES**
FORNECIMENTOS PARA A PROVINCIA, EM OTIMAS CONDIÇÕES DE TODOS OS ARTIGOS DE PAPELARIA, ARTE APLICADA E PINTURA
*P. Luiz de Camões, 42 — LISBOA*

**Tapeçarias de Traz-os-Montes (URROS) L.DA**
BREVEMENTE GRANDE EXPOSIÇÃO DOS PRIMEIROS PRODUCTOS DESTA NOVA FABRICA DE TAPETES E ESTOFOS. DESENHOS E FABRICO INTEIRAMENTE DIFERENTE DAS VULGARES TAPEÇARIAS REGIONAIS

ULTIMA NOVIDADE
**DOCES INSTANTANEOS**
FARINHAS BELGAS
**"DELISS"**

FARINHAS «DELISS» PARA PUDINGS E BOLOS INSTANTANEOS. FARINHAS COM O SABOR E PERFUME DE TODAS AS FRUCTAS.

Dôce econo-mico

CRÉMES DE CHOCOLATE. CRÉMES PARA SORVETES. ASSUCAR BAUNILHADO. FARINHAS «DELISS» «UNIVERSELL» PARA MOLHOS.

GRANDE EXPOSIÇÃO NAS MONTRAS DOS DEPOSITARIOS

**Jeronimo Martins & Filho**
Representante: BATALHA REIS, Ltd.

**PAPELARIA Paleta d'Ouro**
RUA AUREA, 72 — LISBOA
COLOSSAL SORTIDO DAS ULTIMAS NOVIDADES DE PINTURA, DESENHO E ARTE APLICADA
PREÇOS SEM COMPETENCIA

**DOS PAIS! AOS FILHOS!**
O melhor presente são os quadros da *HISTORIA DE PORTUGAL*, evocação das nossas grandesas passadas, tricromias sobre aguarelas dos grandes artisticas ROQUE GAMEIRO E ALBERTO SOUSA
EDIÇÕES PAULO GUEDES

**PREVENÇÃO**
**A PIANOLA**
É UM NOME REGISTADO EXCLUSIVO DA THE AEOLIAN C.º L.DT
São depositarios e representantes exclusivos
P. SANTOS & C.ª
SALÃO MOZART
52, R. Ivens, 54 — LISBOA

**DR. ANTONIO DE MENEZES**
Ex-assistente do Instituto para creanças aleijadas em Berlim-Dahlem
**ORTHOPEDIA**
*Rachitismo — Tuberculose dos ossos e articulações — Deformidades e paralysias em creanças e adultos*
ÁS 3 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 121, 1.º — LISBOA
TELEF. N. 908

**BANCO NACIONAL ULTRAMARINO**
SOCIEDADE ANONIMA DE RESPONSABILIDADE LIMITADA
BANCO EMISSOR DAS COLONIAS
SÉDE: — LISBOA, RUA DO COMERCIO
AGENCIA: — LISBOA, CAES DO SODRÉ

| CAPITAL SOCIAL | CAPITAL REALISADO | RESERVAS |
|---|---|---|
| ESC. 48:000.000$00 | ESC. 24:000.000$00 | ESC. 34:000.000$00 |

FILIAIS E AGENCIAS NO CONTINENTE: — Aveiro, Barcelos, Beja, Braga, Bragança, Castelo Branco, Chaves, Coimbra, Covilhã, Elvas, Evora, Extremoz, Famalicão, Faro, Figueira da Foz, Guarda, Guimarães, Lamego, Leiria, Olhão, Ovar, Penafiel, Portalegre, Portimão, Porto, Regoa, Santarem, Setubal, Silves, Tomar, Torres Vedras, Viana do Castelo, Vila Real Traz-os-Montes, Vila Real de Santo Antonio e Vizeu.
FILIAIS NAS COLONIAS:
AFRICA OCIDENTAL: — S. Vicente de Cabo Verde, S. Tiago de Cabo Verde, Loanda, Bissau, Bolama, Kinshassa (Congo Belga) S. Tomé, Principe, Cabinda, Malange, Novo Redondo, Lobito, Benguela, Vila Silva Porto, Mossamedes e Lubango.
AFRICA ORIENTAL: — Beira, Lourenço Marques, Inhambane, Chinde, Tete, Quelimane, Moçambique e Ibo.
INDIA: — Nova Gôa, Mormugão, Bombaim (India inglesa).
CHINA: — Macau.
TIMOR: — Dilly.
FILIAIS NO BRASIL: — Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, Pará e Manaus.
FILIAIS NA EUROPA: — LONDRES 9 Bishopsgate E — PARIS 8 Rue du Helder.
AGENCIA NOS ESTADOS UNIDOS: — New York, 93 Liberty Street.

OPERAÇÕES BANCARIAS DE TODA A ESPECIE NO CONTINENTE, ILHAS ADJACENTES, COLONIAS, BRAZIL E RESTANTES PAIZES ESTRANGEIROS

**O melhor vinho de meza é o COLARES BURJACAS**

# O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO – 48 ESCUDOS –
SEMESTRE – 24 ESC. –
TRIMESTRE – 12 ESC. –

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS – PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA – NÃO TEM POLITICA


## O Carnaval de hoje...

O "Corso" é um cortejo funebre com que se enterra todos os anos o Rei Folião. Os grandes "carros alegoricos" são galeras de transporte, os mirones são pacatos leitores do jornal, e ha uma estupidez colectiva por toda a parte, nesta alegria regulada prudentemente pelo Governo Civil...